

A importância do Museu Emilio Goeldi na constituição do campo da antropologia no Pará (Amazônia brasileira)

Lourdes Gonçalves Furtado¹

Este escrito faz parte das celebrações dos 70 anos da I Reunião de Antropologia ocorrida no Rio de Janeiro em 1953, “a qual veio ensejar a fundação da ABA (Associação Brasileira de Antropologia) na II Reunião ocorrida em julho de 1955 em Salvador, durante a mesma” (Maués, 2006 p. 344). Segue uma cronologia dessas reuniões, baseada nesse autor. I RBA em 1953, no Rio de Janeiro; II RBA em julho de 1955, em Salvador (fundação da ABA); III (Recife); IV (Curitiba); V RBA (Belo Horizonte); VI RBA, em julho de 1963, em São Paulo (eleição de Eduardo Galvão como Presidente da ABA, Roberto Cardoso, Secretário e Roberto da Matta, Tesoureiro). AVII RBA (deveria ocorrer em Brasília em 1965, no fim do mandato de Galvão e seus companheiros de diretoria; porém, não ocorreu face à crise na UnB. Somente em ocorreu em 1966, em Belém (Maués, 2006).

Os dados aqui apresentados são inspirados nos escritos de Heraldo Maués e Jane Beltrão para o livro em *Homenagem aos 50 anos da ABA* – cf. Cornelia Ekert e Emília Pietrafesa de Godoi (2006). Outros, em fontes bibliográficas citadas adiante e na minha experiência no Museu Paraense

1 Pesquisadora do MCTI no Museu Emílio Goeldi (Ciências Humanas/Antropologia-Laboratório de Antropologia dos Meios Aquáticos (LAMAq) e Instituto Histórico e Geográfico do Pará, Cadeira nº 3, patronímica Alfredo Aníbal Ladislau). Aposentada do MCTI/MPEG – Área de Antropologia/Laboratório de Antropologia dos Meios Aquáticos.

Emilio Goeldi (MPEG) desde janeiro de 1967 como estagiária, bolsista e pesquisadora Titular U-III.

Este texto tem como objetivo pontuar fatos para indicar a importância do Museu Goeldi na constituição do campo da Antropologia no Pará (Amazônia brasileira) com destaque para as atuações de Eduardo Enéas Gustavo Galvão como antropólogo, pesquisador, professor e coordenador da Divisão/do Departamento de Antropologia do Museu Paraense Emilio Goeldi e de Arthur Napoleão Figueiredo, ambos protagonistas dessa história.

Ao se falar de Eduardo Galvão (antropólogo, pesquisador, professor/orientador e diretor da antiga Divisão de Antropologia do Museu Paraense Emilio Goeldi) não se poderia esquecer de Arthur Napoleão Figueiredo (diretor, professor/orientador de Etnologia e Etnografia Brasileira no Curso de História da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade Federal do Pará, meu professor no período de 1963-1966. Ambos se destacam respectivamente no Museu Goeldi e na Universidade Federal do Pará (duas usinas de formação de antropólogos como vasos comunicantes no Pará). Suas ações, perspectivas teóricas e metodológicas e seus legados científicos e acadêmicos alicerçaram os caminhos da antropologia no Pará e na Amazônia, com claras reverberações no presente dessas duas instituições

Vem, então, uma pergunta: quais os fatores contribuintes para isso? Diria como resposta os seguintes fatores: 1) as estratégias de pesquisa semelhantes como passos do fazer antropológico tais como os fichamentos de leituras sobre antropologia clássica e contemporânea, escolas antropológicas, naturalistas e viajantes na Amazônia, literatura brasileira; 2) os seminários temáticos semanais com os estagiários e quinzenais compartilhados

com estudantes e professores da UFPA². 3) as pesquisas-piloto ou exploratórias, como exercícios para trabalho de campo, no MPEG: em áreas urbanas de Belém (Vila da Barca, Barreiro e Marambaia); na UFPA, visitas-aulas programáticas às casas de cultos afro-brasileiros (terreiros de umbanda e candomblé) vinculados à Federação Umbandista de Belém. Essas eram frequentes na docência de Napoleão no Curso de História como atividade extraclasse para aferição intervalar da cadeira de Etnologia e Etnografia Brasileira (ministrada por Napoleão e a então professora, assistente e pesquisadora Anaíza Vergolino e Silva, atualmente Presidente do Instituto Histórico e Geográfico do Pará (IHGP), cujas pesquisas e tese de Mestrado resultaram em artigos e livros – O Tambor das Flores (Vergolino e Silva, 2015); 4) a participação em reuniões da área de antropologia; 5) a revisão de provas tipográficas do *Boletim do Museu Goeldi*, cuja publicação era coordenada pelo arqueólogo e pesquisador Mario Ferreira Simões – editor chefe responsável, junto às editoras Falângola e Sagrada Família; 6) a coorientação para novos estagiários; 7) os exercícios práticos dentro da instituição para conhecer passos para esse desideratum com as visitas aos setores inclusivos da Divisão/do Departamento de Antropologia do MPEG Arqueologia, Reservas Técnicas e dependências laboratoriais da antropologia, arqueologia e linguística do MPEG; 8) o notório incentivo à escada científica dos neófitos para cursos na base ou no exterior (mestrado, doutorado).

Ressalto ainda dois pontos: o notório saber e a preocupação com a ética e a excelência da pesquisa em qualquer contexto sociocultural (grupos indígenas, quilombolas, sociedades tradicionais, lavradores, pescadores, mariscadoras, agricultores, quebradeiras de coco, grupos afro-brasileiros, situações periféricas urbanas), e mais: na construção de

2 No anexo 1, apresento uma relação de pessoas que frequentavam os seminários de Galvão: estagiários, bolsistas, pesquisadores da Divisão de Antropologia e de outros departamentos do MPEG, e instituições interagentes com Galvão, além de professores e alunos da UFPA que, à época de Galvão, frequentavam os seminários e atuaram na sucessão dos anos.

projetos, constituição de acervos científicos, banco de imagens e publicações, observando sobretudo o Código de Ética da Associação Brasileira de Antropologia.

Assim, Galvão e Napoleão firmam-se no MPEG e na UFPA como pioneiros na constituição do campo da antropologia no Pará e formadores dos primeiros antropólogos, arqueólogos, linguistas e cientistas sociais, a partir dessas instituições, as pioneiras nesses caminhos.

Então, como *ancestrais* da ciência no Pará, abriram uma longa e diversificada estrada por onde caminham atualmente os operários da antropologia e os seus seguidores, dentre eles os que estão hoje celebrando os 70 anos da RBA e os 66 anos da Faculdade de Ciências Sociais, seguidores de Napoleão e Galvão no presente (ver a lista de antropólogos no Anexo 1).

O trabalho e o legado de ambos reverberam positivamente no presente dessas duas instituições e em outras congêneres (acadêmicas e de fomento) estas pela credibilidade às propostas do MPEG. No Anexo 2, há uma lista de instituições acadêmicas e de fomento. Menciono apenas aquelas que apoiaram projetos do Museu Goeldi sobre estudos em comunidades pesqueiras amazônicas (costeiras, ribeirinhas e lacustres) efetivadas pela Divisão de Antropologia do Museu Goeldi, entre os anos de 1972-2019. Nesta lista, os programas e projetos foram contemplados com acolhimento e aportes financeiros de diversas instituições nacionais e estrangeiras de 1972 a 2019, objetivando pesquisas, estágios, reuniões científicas no Brasil e exterior, representações, publicações e bolsas para estágio básico no PIBIC (ver Anexo 2).

Então, Galvão e Napoleão fizeram história na construção e instituição do campo da antropologia no Pará e na Amazônia, cujos testemunhos podem ser encontrados em publicações e nos arquivos do Museu Goeldi. Nesse sentido, além do *Boletim do Museu*, gostaria de citar três coletâneas cujos trabalhos incluídos orientam para a identificação da importância do MPEG e da UFPA na constituição desse campo no Pará e Amazônia e sua continuidade nesta região e no curso de antropologia da UFPA, assim como

para ações posteriores, que se somam à conectividade entre MPEG e UFPA em diálogos e ações entre os pares dessas duas instituições.

As coletâneas recorridas são: *A Coleção etnográfica Africana do Museu Paraense Emilio Goeldi*³ – representada em forma de catálogo por seus organizadores Napoleão Figueiredo (UFPA) e Ivelise Rodrigues (MPEG), visando a resgatar a história cultural da África pré-colonial e estimular e orientar novos estudos sobre o acervo existente na Reserva Técnica do Departamento de Ciências Humanas do MPEG.

Essas peças do acervo, mais tarde foram fotografadas por Januári Simões, que trabalhou no Museu Goeldi como fotógrafo. Esta coleção contém 490 peças recolhidas nas regiões das atuais Repúblicas do Sudão, do Zaire, do Gabão, de Angola e do Congo. A coleta foi feita entre 1887 e 1904, não se sabendo o nome do coletor; foi adquirida de um particular na Ilha da Madeira, no começo do século, pelo Coronel José Júlio de Andrade (político paraense e deputado estadual nas legislaturas de 1904-1907 e 1908-1911) e por ele ofertada em 1933 ao Interventor Federal do Estado do Pará, Major Joaquim de Magalhães Cardoso Barata, que posteriormente doou ao Museu Paraense Emílio Goeldi (Figueiredo; Rodrigues, 1989, p. 13).

Cabe mencionar o *Encontro de Antropologia: Homenagem a Eduardo Galvão* organizado por Sônia Barbosa Magalhães, Isolda Maciel da Silveira e Antônio Maria Santos (2011); *Museu Goeldi: 150 Anos de Ciência na Amazônia*, organizada por Ana Vilacy Galúcio e Ana Lúcia Prudente (2019).

E como destaque, cita-se o *Boletim do Museu Paraense Emilio Goeldi* em todas as suas séries – da mais antiga à mais recente, no formato de revista – o *Boletim de Ciências Humanas*, que recebe aportes financeiros do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) e do Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia (INPA).

3 Publicada em memória de Protásio Friel, Dalcy Albuquerque e Mário Ferreira Simões. Belém, MPEG, 1989. 184 p. (Coleção Eduardo Galvão).

As matérias em series temáticas (individuais ou em parceria) publicadas nessas fontes constituem plataformas de registro, divulgação e reprodução dos conhecimentos gerados no Museu Goeldi e estímulos ao diálogo entre os *pares* que fazem da antropologia (e das ciências sociais afins) o seu ofício no Pará e na Amazônia e daqueles que pretendem *embarcar nessa canoa* nos diversificados mananciais amazônicos. Nesse particular, ressalta-se a velha interação entre o Museu Goeldi e a Universidade Federal do Pará/Laboratório de Antropologia (e outras mais da iniciativa privada) que demandam estágios básicos com ou sem bolsa, que interagem em projetos de pesquisa, participam de bancas examinadoras (de mestrado, doutorado, pos-doc, concursos públicos para admissão de docentes) e outros eventos como este.

Os artigos demonstram que houve um avanço considerável no conhecimento da biodiversidade nos últimos 150 anos, mas também evidenciam que a Amazônia vem sofrendo intenso processo de transformação em seus diversos aspectos, indicando como o antropismo influenciou na resposta de plantas e animais às mudanças ambientais. Os textos publicados trazem também reflexões sobre as transformações ocorridas nos últimos 50 anos com relação às populações amazônicas, questões envolvendo povos indígenas e demais povos tradicionais, suas culturas e seus territórios, com ênfase nos processos de constituição dos territórios tradicionais na Amazônia e no papel desses territórios no que se refere à proteção e à conservação dos ecossistemas. Assim, essas teias de relações respondem por um *crescendo* (no sentido figurado de uma intensificação progressiva de um som musical) para as reflexões antropológicas, para novos *insights*, como se depreende de leituras realizadas.

Tais referências, a meu ver, são consideradas como indicadores da importância do MPEG na construção do conhecimento antropológico, na constituição do campo da antropologia no Pará e Amazônia, repercutindo assim na implantação de cursos acadêmicos – graduação, especialização, mestrado e doutorado e nos laboratórios afins – o Laboratório de Antropologia na UFPA (LAANF), onde Napoleão Figueiredo reunia

professores e estudantes do seu Grupo de Pesquisa e Docência. Assim como a criação e a organização do Laboratório de Antropologia dos Meios Aquáticos (LAMAq). Este foi criado em 2003 por nós juntamente com Isolda Maciel da Silveira, Ivete Nascimento (pesquisadoras associadas do MPEG) e Maria das Graças Santana da Silva (tecnologista em Museologia) com apoio das bolsistas do PIBIC Maria Alice Sousa, Marília Takaji, Adriana de Aviz, Elida Moura de Figueiredo, Thainá Nunes, Thais Maciel, Letícia Cardoso e Layse Costa. Foi inspirado no Laboratório do Centre D’Ethno-Tecnologie en Milieux Aquatiques (CETMA) onde fiz Estágio de Pós-doutorado, em 1990 e 1995, com orientação da Prof. Dra. Aliette Geistdoerfer (CNRS/ Anthropologie Maritime).

Creio que estes elementos, ou estes *institutos* que ora trago, parecem ser testemunhos da importância do Museu Goeldi associada ao Laboratório de Antropologia da UFPA (o LAANF) porque se configuram como trilhas – que fazem da antropologia uma vereda (uma *vareda* – no dizer de pescadores do Pará ou na linguagem cabocla) indispensáveis ao conhecimento sobre as gentes e os ambientes, a diversidade social, cultural e ambiental do Pará e da Amazônia em sua história, sobre as dinâmicas sociais, os conflitos, as perspectivas e esperanças, enfim, para se conhecer “outras naturezas, outras culturas” (Descola, 2016) com os créditos alusivos à cultura local (Galvão, 1955 – Prefácio).

Espero que esta apresentação tenha aportado contribuições ao tema desta mesa. Finalizando, faço uma licença poética à crescente atuação de Eduardo Enéas Gustavo Galvão e Arthur Napoleão Figueiredo no Museu Paraense Emilio Goeldi e na Universidade Federal do Pará, aos crescentes legados científico e pedagógico e à progressiva formação de massa crítica para a antropologia brasileira, associando-as ao Bolero de Ravel, de Maurice Ravel, uma sinfonia premiada em 1928, que vai “de um *crescendo pianíssimo* ao *fortíssimo* a partir de um mesmo ritmo” com diversos instrumentos musicais entrando cada um à sua hora.

QUAL A IMPORTÂNCIA DO MUSEU GOELDI NA CONSTITUIÇÃO DO CAMPO DA ANTROPOLOGIA NO PARÁ E NA AMAZÔNIA?

DEPOIMENTOS DE EX-BOLSISTAS DO MPEG

“Nos traços que desenham as memórias de um tempo quase-ontem, vê-se germinar e florescer, no entorno de uma rocinha paraense, o vasto universo antropológico, vivificado na imensidão do verde amazônico. Museu Paraense Emilio Goeldi! Gérmen da Antropologia no Pará e na Amazônia. Casa na qual pesquisadores, como eu, sentiram o “espanto” da diversidade e sua complexidade”.

Hélio Luiz F. Moreira

Ex-bolsista de iniciação científica da pesquisadora
Lourdes Gonçalves Furtado de 1993-1994.

“Iniciei minha trajetória nas Ciências Sociais como bolsista de iniciação científica no Museu Paraense Emílio Goeldi, sob a orientação da professora Lourdes Furtado, a quem sou imensamente grato. Durante este período, ela despertou o meu interesse e o compromisso com as comunidades tradicionais da Amazônia. Seus ensinamentos são os fundamentos da minha atuação profissional, expressas na pesquisa etnográfica e na minha dedicação às comunidades da região”.

Luis Cardoso

Pós-doutor - University of St. Andrews, Scotland - UK.
Doutor em Antropologia Social (UFSC). Mestre em Sociologia (UFPA).
Professor Associado Nível IV. Professor Permanente do PPGCP/UFPA.
Professor da Faculdade de Ciências Sociais. Ex-bolsista de iniciação científica da pesquisadora Lourdes Gonçalves Furtado de 1995.

“O Museu Goeldi, através de seus projetos, é um campo privilegiado para quem inicia sua atuação científica. Ao formar pesquisadores que produzem conhecimentos sobre as sociedades, os modos de vida e a economia local, ele descortina e referencia

toda uma produção acadêmica na região e que é de suma importância para a história da ciência na Amazônia.

Espero que esteja do tamanho e da importância, por ter sido bolsista do Museu Goeldi e do RENAS, que tem na minha trajetória profissional e de vida”.

Elida Figueiredo

Bibliotecária com doutorado em História Social da Amazônia.
Bolsista do Museu Goeldi/Projeto RENAS de 1999 a 2005.
Atualmente, atua na UFPA/Campus de Ananindeua.

“Iniciei no PIBIC no RENAS/MPEG de 2010 a 2014, encerrando juntamente com o Curso de Graduação em Ciências Sociais. A experiência foi fundamental para minha construção enquanto pesquisadora. Diante disso, pude contribuir com a formação de novos pesquisadores por meio de coorientações, assim como atuar profissionalmente em parte do processo de regularização de território quilombola através de pregão eletrônico do INCRA do Maranhão. Foi essencial também para a realização do mestrado e doutorado, este último sendo concluído em 2023. Gostaria de destacar que, nesse processo, adquiri grande paixão pela pesquisa, o que me fez ter como objetivo realizar concurso público para atuar como pesquisadora”.

Thainá Guedelha Nunes

Bolsista PIBIC de 2010 a 2014.

“O Museu Paraense Emilio Goeldi é fundamental na constituição da Antropologia no Pará e Amazônia. Sua atuação abrange a preservação da diversidade cultural, estudos etnográficos colaborativos, educação científica e um valioso acervo. Contribui para a Antropologia Brasileira, integrando pesquisa, preservação do patrimônio e divulgação científica, promovendo uma compreensão mais profunda e respeitosa da diversidade na região amazônica”.

Thais Maciel da Silva

Bolsista PIBIC de 2016 a 2017.

“O Museu Emilio Goeldi, foi o berço dos estudos na área de Antropologia na região Amazônica, com a participação de pesquisadores e pesquisadoras que abriram caminhos para muitos trabalhos sobre as especificidades da região Amazônica. Graças aos ancestrais acadêmicos, temos inúmeras pesquisas antropológicas na Amazônia”.

Layse Rosa Miranda da Costa

(mestranda do PPGSA/UFPA)
Bolsista PIBIC do Museu Emílio Goeldi de novembro de 2016 até julho de 2018.

“Enquanto mestranda do Programa de Sociologia e Antropologia da Universidade Federal do Pará (PPGSA-UFPA), rememoro com felicidade o valor que a Iniciação Científica no Museu Paraense Emilio Goeldi, sob orientação e amizade da Professora Lourdes Furtado, ocupa cientificamente e politicamente na Antropologia da Amazônia. O RENAS, assim como o Museu Goeldi, são sinônimos de comunidade; uma comunidade que viabiliza a produção de um conhecimento antropológico que luta pela defesa e pelo respeito da cidadania das populações amazônicas”.

Letícia Cardoso Gonçalves

Período de Bolsa IC: agosto de 2016 a julho de 2020.

ANEXO 1

Lista de antropólogos:

No MPEG:

Expedito Arnaud, Protásio Frikel, Ivelise Rodrigues, Mário Ferreira Simões, Conceição Gentil Corrêa, Daniel Froes Lopes, Ruth Wallace, Isolda Maciel da Silveira, Lourdes Gonçalves Furtado, Samuel Spenner, Pedro Salles, Roberto Cortez, Ruth Cortez, Isidoro Alves, Ana Lúcia Machado, Ana Lúcia Maroja, Daniel Lopes, Eneida Malherbe, Ernesto Migliazzi, Antonio Maria Santos, Adélia Engrácia de Oliveira, Lúcia Hussac van Velthen, Antonio

Carlos Magalhães dos Santos, Maria José Brabo, Maria Helena Barata, Arian Nery, Maria Ivete Nascimento, Maria das Graças Santana.

NA UFPA:

Anaíza Vergolino de Silva, Heraldo Maués, Angélica Maués, Nazaré Paes de Carvalho, Alexandre Cunha, Edna Castro, Walter Pinheiro, Pedro Sales, Angélica Motta Maués, Nazaré Paes de Carvalho, Eneida Assis, Romero Ximenes Ponte, Samuel Sá, Orlando Sampaio Silva, Jane Beltrão, Artur Napoleão Figueiredo, Clara Galvão, Isolda Alencar, Roger Arlé, Terezinha Pimentel, Paulo Cavalcante, Oswaldo Cunha, Fernando Novaes.

PESQUISADORES VISITANTES E AMIGOS DE GALVÃO:

Paulo Vanzolini (Museu Paulista), Charles Wagley (Universidade de Columbia, NY), Roberto Las Casas, UnB, técnicos de Endemias Rurais do Pará, Instituto Evandro Chagas, Missionários Franciscanos de Prelazias envolvidas com grupos indígenas na Amazônia, tais como Frei Cirilo e Frei Protásio – Protásio Friel que se tornara Pesquisador do Goeldi.

ANEXO 2

LISTA DE INSTITUIÇÕES ACADÊMICAS APOIADORAS E/OU FINANCIADORAS:

Museu de Antropologia do Ultramar (atual Museu de Belém) SUDAM

CNPQ

ORSTOM – Institut Français de Recherche Scientifique Pour Le Development En Coopération (França, atual IRD)

CRDI-IRDC – Centro Internacional de Investigaciones para el Desarrollo (Canadá)

CAPES-COFECUB (por intermédio do NAE – Université Picardie)

Referências

BARBOSA, S. B.; SILVEIRA, I. M. da; SANTOS, A. M. de S. (org.). *Encontro de Antropologia: Homenagem a Eduardo Galvão*. Manaus: Editora da Universidade Federal do Amazonas; Museu Paraense Emílio Goeldi, 2011.

BOLETIM DO MUSEU PARAENSE EMILIO GOELDI. Belém: Museu Paraense Emílio Goeldi/Ciências Humanas, v. 17, n. 2, 2001.

DESCOLA, P. *Outras naturezas, outras culturas*. São Paulo: Editora 34, 2016.

FIGUEIREDO, Napoleão; RODRIGUES, Ivelise. *Coleção etnográfica Africana do Museu Paraense Emílio Goeldi*. Belém: SCT/PR/CNPq e MPEG, 1989.

GALVÃO, Eduardo. Santos e visagens: um estudo da vida religiosa de Itá; Amazonas. Biblioteca Pedagógica Brasileira serie 5°. Brasileira. Vol. 284. Companhia editora nacional. São Paulo, 1955: IX

GALÚCIO, A. V. ; PRUDENTE, A. L. (org.). *Museu Goeldi: 150 anos de Ciência na Amazônia*. Belém: Museu Paraense Emílio Goeldi, 2019. 387p.: il. Color.

MAUÉS, H. Eduardo Galvão, a crise na UnB e a VII Reunião Brasileira de Antropologia *In*: ECKERT, C.; GODOI, E. P. de (org.). 2006. Blumenau: Nova Letra. 2006. 341p.

MENDES, A. C.; PROST, M. T.; CASTRO, E. (org.). *Ecossistema Amazônicos. Dinâmicas, impactos e valorização dos recursos naturais*, 2011. Belém: Museu Paraense Emílio Goeldi. 436p.: il. Color.

LEITÃO, W. M.; MAUÉS, R. H. (org.). *Nortes Antropológicos: Trajetos, Trajetórias*. Belém: Universidade Federal do Pará, 2008.

SILVA, Anaíza Vergolino e. O tambor das flores: uma análise da federação es-pirita umbandista e dos cultos afro-brasileiros do Pará (1965-1975) / Anaíza Vergolino e Silva. -1. ed. Belém, PA: Paka-Tatu, 2015